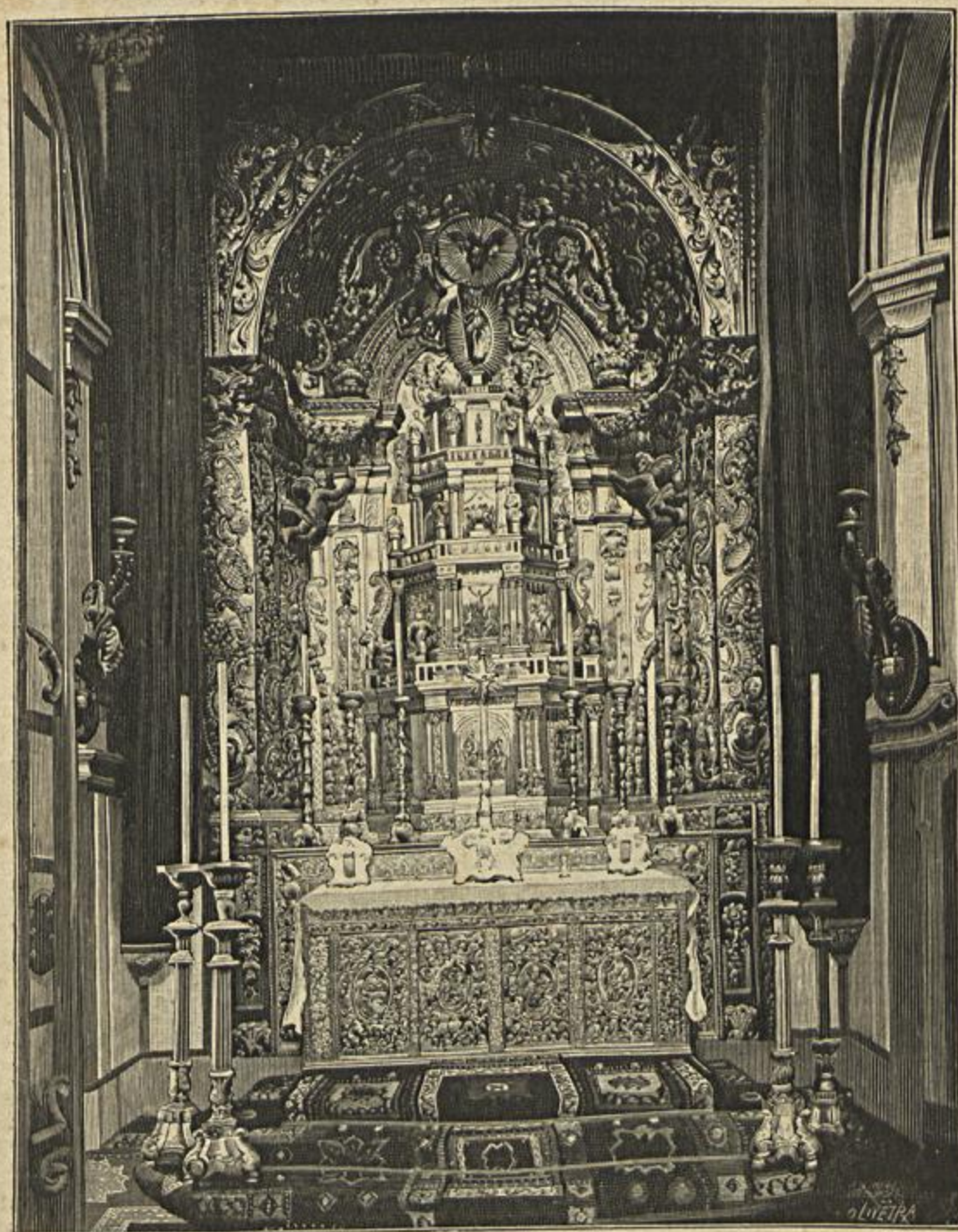


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assinatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	16.º Anno — XVI Volume — N.º 505	Redacção — Atelier de Gravura — Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte, m. forte)	35800	18900	5950	120	I DE JANEIRO DE 1893	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	48000	24000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	54000	27500	—	—		



ALTAR DE PRATA, NA SÉ DO PORTO

(Segundo photographia do sr. E. Biel)



CHRONICA OCCIDENTAL

Anno de mil oitocentos noventa e tres, muitos bons dias! é o que eu te desejo sinceramente, com o coração nas mãos.

365 dias excellentes, de muita alegria, muitas felicidades, muitas prosperidades para todos nós, é o que eu te peço e parece-me que não é pedir muito.

365 dias é uma bagatella, passam n'um momento, eu que diga que já os vi passar quarenta e duas vezes, e que me parece que ainda hontem estava sentado a esta mesma mesa, dando as boas vindas ao anno de 1892 que já lá vai. 365 dias magnificos é só o que eu de ti sollicito, depois eu me entenderei com os outros annos que te succederem e Deus queira que me entenda com elles por muito tempo, que elles me façam a vontade a mim e aos meus, a vós, leitor, e aos vossos, e que por muitos annos e bons nos encontremos aqui, n'este mesmo lugar, no dia 1 de muitos janeiros, eu a dar-lhes as boas festas e os senhores a receberem-n'as.

N'este periodo reina gramaticalmente uma grande discordancia de pronomes, é que eu apesar da gravidade do dia não me atrevi a proseguir com o vós solemne dos momentos officiaes, não tive a coragem de levar a segunda pessoa do plural até ás ultimas consequencias da sua conjugação.

E para não ser exigente com o anno que começa, não lhe pedirei senão uma coisa; que para mim e para os meus seja tão bom, tão generoso como foi o seu antecessor o 1892 a quem, aproveito a occasião de testemunhar aqui o meu profundo e eterno reconhecimento.

Lá por elle ter cahido do governo não serei ingrato e confessarei sempre os favores que lhe devo.

E' costume velho atirar pedras ao sol que declina.

Como vêem não sigo esse costume e o anno de 1893 que ponha aqui os olhos e veja que me pôde obsequiar que não obsequieia um ingrato.

O anno de 1892 foi um anno muito amavel para mim e se alguma rasão de queixa me deu foi só no seu ultimo dia de vida, no dia 31 de dezembro.

E' verdade que, se é verdade o que diz a tradição a culpa não foi d'elle, foi do diabo que anda solto no ultimo dia de todos os annos, no dia do papa S. Sylvestre.

Este anno não sei que veneta deu ao diabo, que em vez de correr pela cidade se mettu em minha casa a fazer me partidas.

Mesmo sem diabo esse dia, era já para mim um dia de grande atrapalhação: imaginem, o Matta, o grande Matta, o rei dos cosinheiros portuguezes tinha-me convidado para jantar com elle n'esse dia, festejando o 75 anniversario natalicio uns 75 dezembros que elle aguenta bizarramente, alegremente, como muitos rapazes não aguentam 20 primaveras; o theatro de S. Carlos para abrir as suas portas desde o dia 29, foi-as fechando até esse dia em que as abriu de par em par, e com uma opera de respeito o *Lohengrin*.

A primeira vista isto é um bel' o fim do anno — uma excellente opera e um magnifico jantar; mas dadas as minhas circumstancias especiaes não é assim.

O jantar sabia-me muito bem com certeza, bastava elle ser feito pelo Matta e comido em companhia d'elle que é um bello companheiro: mas a opera á noite vinha encontrar-se com o meu habito tradicional de todos os annos ouvir a meia noite que separa o anno que sae, do anno que entra na companhia da minha mulher, das minhas filhas, da minha familia.

E não gostava nada de romper com esta tradição com que me tenho dado muito bem, e o *Lohengrin* é o demonio d'uma opera que acaba sempre no dia seguinte.

Esta atrapalhação que fôra feita pelo acaso, foi ainda adubada pelo diabo que se mettu tambem na dança. E se não vejamos.

Pela manhã, no dia de S. Sylvestre, levantei-me muito bem, com um bocadinho de rheumatismo que havia já uns dias andava de volta comigo mas sem me massar mui' o Almoço, sento-me á meza a escrever e quando vou a levantar me acho-me completamente tolhido, sem poder fazer um movimento.

Ao mesmo tempo a minha pequena mais nova a Piedade que tem dois annos e meio e que nunca

tivera uma doença apparece-me muito murcha e a arder em febre.

E eu sem me poder mecher, para ir buscar um medico, e sem saber o que ella tinha, sem saber o que eu tinha, sem saber o que havia de fazer, e o diabo a rir-se a bandeiras despregadas da minha atrapalhação.

Finalmente o diabo só me queria metter um susto e tirar-me o jantar do Matta.

As horas do jantar passavam sem eu poder arrear o pé do meu quarto á espera do medico para a minha pequena. A's sete e meia porém vem o medico, vem dois medicos ao mesmo tempo, dois amigos intimos que são dois bellos clinicos; veem a pequena, não é nada de cuidado, graças a Deus.

A mim obrigam-me a vestir e a sahir, e aos trambulhões dentro d'um *coupé* lá vou para S. Carlos gemendo como quem vai para o hospital.

Quando eu coxeando amarrado á minha bengalia chego á minha cadeira chegava o *Lohengrin* á scena puchado pelo seu *cysne*.

O *Lohengrin* era o Masini, com as barbas louras do cavalleiro do Gral. O Masini canta, e canta tão bem, que a voz d'elle parece a harpa de David, e o meu rheumatismo as furias do Rei Saul.

O Guerreiro dentista tem um systema para tirar dentes sem dor, que eu já experimentei varias vezes, e com o qual me dei tão bem que já não quero outro. Muita gente ri-se quando se falla n'isso. «Tirar dentes sem dor! Isso pôde lá ser!

Pôde ser e é. Emquanto á maneira de tirar o dente, o Guerreiro tira-o como qualquer outro dentista: mas defronte do paciente está uma pilha electrica de que o paciente tem nas mãos os conductores. Quando chega o momento de arrancar o dente a pilha trabalha, e o choque electrico distrae o paciente que principia a tremelicar. De repente a pilha cessa de trabalhar, o Guerreiro mostra o dente no boticão, sem a gente ter sentido a mais pequena dor; dou-lhes a minha palavra porque fallo por experiencia propria.

Não houve a dor! O que a causava houve, mas dor não existiu porque a gente não deu por ella, estava destrahida com o choque electrico.

Ora com o meu rheumatismo em S. Carlos aconteceu-me o mesmo do que com os dentes no Guerreiro.

O rheumatismo lá estava, mas os ouvidos a ouvirem o Masini, os olhos a verem a Arkel e a Stahl fizeram-me o serviço da machina electrica do dentista; — distrahiram-me da dor.

E' que o Masini tem muito que ouvir, apesar dos agourentos andarem para ahi a dizer que elle estava arrasado, e as primas-donas Thereza Arkel e Amelia Stahl teem muito que ver.

A Arkel parece feita de proposito para a scena, é uma formusura perfeitamente theatral.

O rosto d'uma belleza correcta vigorosamente accentuada; o corpo uma escultura em ponto grande, um pouco monumental de uma imprehen-sivel elegancia de formas.

A Stahl já nós conheciamos: está mais bonita ainda porque está mais nutrida e a sua belleza demonstra a verdade ao proverbio que diz — da-me gordura dar-te-hei formusura — que me perdõem todos os *dilletant* das cargas d'ossos.

E seria uma injustiça flagrante referindo nos á sr.^a Arkel que pela primeira vez apparece em palcos portuguezes, fallar apenas da mulher e não fallar da cantora.

A sr.^a Arkel é não só uma bella mulher, é tambem uma bella artista.

A interpretação que ella dá ao personagem d'Elza no *Lohengrin* é correctissima, é primorosa, é a interpretação mais notavel, mais *wagnerianna* que lhe temos visto dar em S. Carlos.

A sua voz é magnifica no registro agudo. d'uma grande pureza e d'uma grande pujança: o registro medio é um pouco mais fraco ou antes menos brilhante, mas em toda a parte aquella voz será uma bella voz de soprano, e a sr.^a Arkel sabe servir-se d'ella excellentemente, com toda a arte d'uma grande cantora.

A sr.^a Amelia Stahl é a mesma artista correcta que já ouvimos ha annos, e é uma das boas contractos que ha hoje no mundo lyrico, apesar da sua voz não ser d'um timbre irreprehensivel e de no seu jogo scenico haver ainda a mesma frieza, que ha annos se lhe notava.

São estas as principaes figuras do *Lohengrin* e tambem as principaes da companhia.

O barytono Casini que debutou na opera de Wagner, não se pode dizer que seja um mau artista, mas não é um primeiro artista para S. Carlos.

O baixo Figna agradou-nos.

Tudo isto que dizemos é apenas ácerca dos dois primeiros actos do *Lohengrin*, que foi o que vimos.

Apenas o segundo acto acabou metti-me no trem e vim para casa a toda a pressa. Quando cá cheguei faltavam dez minutos para a meia noite, isto é, ainda vivia o 1892, ainda não viera 1893 — estava dentro dos meus habitos tradicionaes.

E á meia noite a minha pequena estava estava melhor já, conversava e ria como o seu costume, graças a Deus, o meu rheumatismo ia passando um pouco, e o dia tão atrapalhado que eu tive acabou mais tranquillamente. Obrigado 1892.

* * *

Não é facil de calcular, não vivendo em Lisboa, e não conhecendo o feitiço especial dos lisboetas, com respeito ao theatro de S. Carlos, o entusiasmo, os empenhos, a bulha que entre nós occasionou a abertura da epoca lyrica.

Foi uma doidade. No dia 31 pela manhã, quasi que se esmagava gente no camaroteiro de S. Carlos e foi necessario mandar para lá dois policias para regular a entrada dos pretendentes a bilhetes.

Se se abrisse um *guichet* para a venda de bilhetes d'entrada no Reino dos Ceus com certeza não haveria aquelle acotovellamento, aquelle aperto.

O theatro está este anno quasi todo assignado, como já dissémos, e essa assignatura comprehendese porque na verdade é baratissima. Ouvir o Massini a dez tostões por noite só em Lisboa acontece.

E como a assignatura offerece estas vantagens, como um bilhete avulso custa dezoito tostões e é preciso um trabalhão para o encontrar, ao passo que assignando custa quasi metade e não dá trabalho nenhum, a maioria dos amadores de S. Carlos assignou.

Fizeram muito bem esses amadores, porque na primeira noite, á porta, venderam-se bilhetes, e ainda assim foram poucos os que appareceram, a sete mil réis, isto é, um bilhete para uma recita pelo preço de 7 recitas.

A sala de S. Carlos apresentava um aspecto lindissimo e nos camarotes e na platéa via-se o que ha de mais distincto na sociedade lisboeta.

Assistiram ao espectáculo no seu camarote particular, sua magestade a Rainha D. Amelia trajando de azul e branco, sua magestade a Rainha D. Maria Pia, de preto e ouro, el-rei D. Carlos e sua alteza o infante D. Affonso.

No camarote dos ajudantes e aias de suas magestades havia uma *toilette* de luto que nos impressionou profundamente no meio de toda a alegria e animação que reinava n'aquelle theatro em festa, porque nos fez pensar na grande perda que a alta sociedade portugueza acaba de soffrer, perda que aquelle luto commemorava.

Não fallaremos n'isso hoje, porém: não queremos notas lugubres e tristes na primeira chronica do anno e terminamol-a como principiámos, dando as boas festas aos nossos leitores e desejando para elles e para nós todos, um anno cheio de alegrias, de venturas e de prosperidades.

Gervasio Lobato.



AS NOSSAS GRAVURAS

ALTAR DE PRATA NA SÉ DO PORTO

Poucos templos egualam em grandeza o sumptuoso edificio da Sé do Porto, construido no plano mais elevado da cidade e dominando esta do alto da sua soberania.

Sem remontar-mos a epochas anteriores á fundação da monarchia portugueza, apenas referirmos que a Sé do Porto foi mandada edificar pelo conde D. Henrique, pae do primeiro rei portuguez D. Affonso Henriques, e que n'ella se disse a primeira missa no anno de 1120.

Muitas tem sido as reedificações e ampliações porque este edificio tem passado, e por isso apresenta varios estylos architectonicos, conforme as epochas em que tem sido reconstruido ou ampliado, não sendo as suas bellezas architectonicas o que mais o recommendam senão a sua grandeza e historia.

Entre as muitas cousas notaveis que ali ha para admirar, é, por sem duvida, a que mais nos attrae o bello altar de prata da Capella do Santissimo, e que a nossa gravura representa.

Parece-nos que depois da capella de S. João Baptista, na igreja de S. Roque de Lisboa, é este altar a obra mais preciosa que, no seu genero existe em Portugal.

Este altar é obra do seculo XVIII, pois foi collocado na capella, no anno de 1792.

É todo de prata batida e primorosamente lavrada, desde o frontal até ao sacrario, composto de trez corpos com a respectiva cupula, de forma elegante, com apainelados coutendo baixos relevos representando passos da Escripura Sagrada.

Banqueta, quatro apóstolos, sacras, tocheiros, e seis alampadas, tudo de prata, completavam esta preciosidade artistica e ao mesmo tempo de subido valor material. Estes objectos, porém, foram roubados pelos soldados de Napoleão, quando invadiram a peninsula. Muitos d'estes roubos foram praticados em Portugal por aquella occasião, como é sabido, e se o altar não foi também roubado é porque os invasores, julgaram que era de cobre galvanizado, não lhes parecendo possível tanta riqueza ali reunida.

É esta uma das tradições, e a que parece mais rasoavel.

A nossa gravura dá uma boa idéa da capella e do altar, o que nos dispensa de fazermos mais minuciosa descripção.

BERNARDINO MONTEIRO DE ABREU

VICE CONSUL DE PORTUGAL NA CIDADE DE S. PAULO (BRAZIL)

Ha nomes que tem direito á consagração publica. Servem de licção e de exemplo. São o melhor estimulo para os que trabalham e o mais seguro esteio da nacionalidade a que pertencem Bernardino Monteiro d'Abreu, actual vice-consul portuguez em S. Paulo, capital do respectivo estado na grande republica brasileira, é um d'estes nomes. Humilde no berço, ennobrecer-se pelo esforço e pelo coração. Sem pergaminhos, que o tempo poderia ter já desfeito, abriu perduravel registo na historia da colonia portugueza, que tão dignamente representa, considerado e estimado por todos sem excepção de nacionalidade ou de procedencia.

Portuguez de lei, nascido de pais portuguezes, perto de Guimarães, foi para o Brazil tendo apenas quatorze annos de idade, continuando na vida de commercio, que já encetára em Portugal. Casado mais tarde com uma excellente senhora, sua compatriota, infelizmente fallecida ha pouco, mas sempre viva na memoria de seu esposo e de seus filhos, conserva ainda hoje a robustez de um moço, apesar dos seus 55 annos, quasi todos volvidos no morejar incessante de um proposito firme e de uma consciencia segura, creando, por uma complexa e incessante actividade, a solida fortuna que hoje possui, e em que se não escondem um remorso nem se acoita o mais leve arrependimento.

Tendo aportado ao Rio de Janeiro, ali se consorciou Bernardino de Abreu, entrando para o serviço de uma firma de solidos creditos, até que, em 1855, foi para S. Paulo estabelecer-se n'uma filial da mesma casa, considerado, porém, como socio, tal era o conceito que já então merecia de seus chefes e patrões. Extincta mais tarde esta filial, passou a negociar de conta propria intervindo em varias emprezas e dando sociedade no primeiro estabelecimento, que organisara na capital do Estado, a seu filho mais velho, Daniel Monteiro d'Abreu, fiel e escrupuloso respeitador das tradições e exemplos paternos.

Pertencendo á grande firma importadora de S. Paulo, Costa & C., firma respeitada em todas as praças do mundo e cujo commercio annual se eleva a muitas centenas de milhares de libras esterlinas, foi um dos mais importantes directores da companhia União do Commercio de S. Paulo, entidade financeira de subida importancia e de copiosissimos lucros. Não admira portanto que Bernardino de Abreu seja um homem rico; mais e muito mais deve admirar sem duvida, nos tempos que vão correndo, o uso benéfico e generoso que este benemérito faz de haveres tão honrada e afortunadamente adquiridos.

É assim que, apenas encetada a sua vida commercial em S. Paulo, foi um dos principaes promotores e fundadores da sociedade de beneficencia portugueza d'esta cidade, sociedade que dispõe hoje de perto de 600 contos de valores brasileiros e possui um magnifico hospital, que pôde dar guarida e conforto a numerosos doentes e desvalidos, recebendo também pensionistas e levando a sua caridosa tutela ao ponto de agasalhar extranhos como a nacionaes, sempre que lhe é possível fazel-o.

Este facto, todavia, não é o unico que, na vida do actual vice consul portuguez em S. Paulo, dá largo testemunho da generosa bondade do seu espirito. No proprio consulado está a melhor demonstração d'esta, cada vez mais real qualidade. Custando-lhe annualmente muito mais do que lhe rende, não ha quem ignore que os batentes da sua porta estão sempre largamente abertos a todos os desconfortos e difficuldades dos portuguezes que d'ella se lembram. Sob a expressão mais severa das suas indignações consulares, perante um desacerto de um emigrante infeliz por exemplo, ha sempre um estremeamento de commovida piedade, que é o refugio do misero que sabe ou que adivinha, que a desgraça e o desterro são o caminho mais curto para a esmola ou para a tutela d'este bemfazejo funcionario.

Chefe de uma numerosa familia, no lar domestico affirma e como que dá novo realce ás prendas do seu caracter e ás finas qualidades do seu espirito. Extremoso por todos os seus, é por to José adorado, tutelando e confortando a todos com o exemplo e com a palavra e presidindo a tudo com a mais previdente e amavel sollicitude. Caridoso sempre, o seu desforço perante a fatalidade que, pela morte ou pela doença, lhe tem, por vezes já, cruelmente annuviado o coração, tem sido o de servir de pai a alguns innocentes, que a impiedade do destino tem ferido subitamente roubando-lhe os carinhos maternos ou cerceando-lhe os necessarios confortos de vida ou d'educação.

DANIEL MONTEIRO D'ABREU

VICE CONSUL INTERINO DE PORTUGAL EM S. PAULO

Filho do actual vice-consul, Bernardino Monteiro d'Abreu, é portuguez por seus paes e brasileiro pelo berço, tendo nascido em S. Paulo aos 4 de janeiro de 1867.

Educado na Europa, recebeu no Porto uma instrução esmeradissima, habilitando-se cedo para a vida e carreira, onde tem tido por principal mestre e exemplo o seu proprio pae. Conhecedor de varias linguas, que falla como a sua propria, breve adquiriu o animo reflexivo e observador que é qualidade fundamental de todo o financeiro. Regressando a S. Paulo e seguindo todos os postos, tendo principiado por servir no escriptorio paterno, n'este se conservou até que as suas aptidões o levariam a emprehender, em 1890, uma larga viagem d'estudo e de recreio pela Europa e pelo norte d'Africa, accentuando-se lhe ainda mais, depois d'esta amplissima digressão, o fino trato e a esmerada cortezia, que são o caracteristico da sua convivencia e a razão do affectuoso respeito, com que é, por todos, havido e recebido.

Na volta, concedida a patente superior do generalato na casa, de que fora simples empregado, patente sobejamente explicada por seus meritos relevantes, foi promovido a socio e a gerente da firma, remodelada expressamente para este effeito, sob o titulo social: — Daniel Monteiro de Abreu & C.

Cavalheiro e generosissimo, como poucos, Daniel d'Abreu sabe associar a natural feição e vivacidade do seu caracter, expansivo e juvenil, á seriedade das suas multiplices occupações sociaes. Representante de seu pae, durante uma viagem demorada e recente, teve n'esta delegação da maxima confiança e responsabilidade, o mais eloquente testemunho da sua honradez e descripção.

Extremosissimo pelos seus, aos carinhos fraternos como que instinctivamente associa os desvelos de pae amantissimo. E' o caso porém de dizer-se que nunca foi mais verdadeiro o velho ditado portuguez de que «amor com amor se paga.»

Deixando cahir de sua bolsa, como que olvidoso e descuidado, sobre todos os portuguezes indigentes, que a ella recorrem, todos os seus transitorios proventos consulares, e muito mais do que estes, sabe, como vice-consul interino de Portugal em terras brasileiras, ser mais nosso do que alheio emborá a sua alma, accentuadamente americana, tenha pelo Brazil os desvelos de um filho e os entusiasmos de um verdadeiro patriota.

A sua biographia, que não pôde ser mais longa do que a sua idade, cabe toda inteira n'este resumo. Poucos funcionarios consulares portuguezes egualarão o seu zelo pelos interesses da nação que ora hospeda e representa. Como filho e como homem é a honra e a esperanza da sua casa. Como brasileiro é um dos moços mais estimados de S. Paulo. Como coração e como cara-

cter é pedra de finissimo toque, onde scintillam as lagrimas, que tem enxugado a muitos infelizes e onde brilham, como raios de vivissima luz, as mais nobres qualidades de coração e de caracter.

O NOVO TRANSATLANTICO «D. MARIA»

A marinha mercante portugueza conta mais um bello paquete, propriedade do illustrado negociante portuense o sr. J. H. Andersen.

Chama-se o novo transatlantico: *D. Maria*, em homenagem á esposa do proprietario.

Este bello navio tem tres annos de feito, é todo de aço e possui magnificas accomodações que se dividem em 28 de primeira classe e 600 de terceira.

Na primeira classe ha uma bella camara toda de mármore sobre a qual está construido, para os passageiros passearem, um elegante *promenoir*.

Como não tinha alojamentos para passageiros de 2.ª classe este grande transatlantico, em breve se construirá n'elle uma camara para 50 passageiros.

O seu andamento é de treze milhas por hora. O seu pezo bruto é de quatro mil toneladas. Possui tres caldeiras de triplece expansão. Fez a sua primeira viagem de Lisboa a New York com escala por Cadiz e ilhas dos Açores em 14 dias e meio.

Destina-se para malas, passageiros e carga. Faz as suas viagens de Lisboa pelos Açores a New York. Os outros pontos de escala variam, tocando ora n'uns, ora n'outros.

Alem d'este navio possui o sr. Andersen os seguintes: o *Olinda*, *Hcevenum* que fazem as mesmas viagens; e as barcas *Agnes*, *Julius* e *Fortuna*, sendo a primeira e terceira de ferro e a segunda de madeira. São agentes em Lisboa os srs. Pereiras e La Roque.

D'um outro vapor *Jhon e Albert*, já fallamos no nosso volume de 1887 e por essa occasião fizemos sentir quão mais fructifero para todos é este emprego do capital. No nosso paiz prefere-se empregar o no aziago jogo de fundos e especulações congeneres do que no engrandecimento propriamente commercial da nação.

A relutancia dos argentarios portuguezes em se tornarem armadores é a causa do decahimento da nossa marinha.

Muito fazem os governos, e d'isso temos a prova em todas as épocas. No reinado de D. Fernando I e de D. José bastante elles luctaram por erguer a marinha e se alguma cousa conseguiram foi aproveitando o auxilio particular e estimulando esse auxilio.

De todas as invenções humanas a applicação do vapor á navegação, é a mais bella. Ligou os povos, aproximou as distancias e supriu lhes as necessidades.

E-n'os pois agradável em extremo noticiar que a marinha mercante portugueza acaba de ser enriquecida com mais um navio de tanto valor e utilidade.

CONDE D'ARRIAGA

Poucos vultos politicos e sua memoria se nos impõem com mais respeito do que o conde d'Arriaga. A encendrada crença que o animava nunca se desmentiu. Dedicadissimo pelo seu partido foi para elle tão prestimoso como Sampaio e Fontes.

Luctou com verdadeira fé e auxilio com entusiasmo o partido regenerador. No centro nunca faltava, e quando retido em caza o seu maior desejo era sair, para tomar parte nos trabalhos dos seus collegas.

Não sentia o pezo dos seus setenta annos nem vergava á vida trabalhosa que tivera, parte da qual passada em Africa.

Fundou a *Revolução de Setembro* e outros jornaes, auxiliou muito os seus amigos e alguns d'elles illustres, Fontes Pereira de Mello era muito seu amigo, passava muito tempo na quinta da Arriaga onde ia isolar se para descansar e fruir a convivencia do illustre extincto.

Se pelo seu partido — vastissima familia — foi dedicado e bom, para os seus, foi de inextinguivel bondade e amantissimo. Dedicar-se, era o lemmata do seu caracter. Morreu sorrindo-se para a esposa e para os seus filhinhos.

Quando fallava era desprezencioso e sem refohlamentos, consequencia do seu bom caracter, franco e leal.

Resumamos agora os principaes traços: O conde d'Arriaga, Joaquim Pinto de Magalhães, bacharel formado em direito, antigo deputado e par do reino vitalicio, nasceu em Alijó em

6 de junho de 1819, e foi o segundo filho do visconde da Ribeira de Alijó.

Aos 21 annos, em 6 de junho de 1840, concluiu a seu curso universitario. Durante dois annos foi delegado em Alijó, e em 1844 foi despachado juiz para o Ultramar, servindo na comarca de Moçambique. Em 1851 foi nomeado governador d'esta provincia, e completando o triennio, veio á metropole, não aceitando a presidencia da relação de Loanda por ter sido eleito deputado por Moçambique.

Desde então teve sempre logar no parlamento, na maior parte das legislaturas eleito pelo circulo da sua naturalidade, de onde nunca poudo ser desalojado, sendo notavel a lucta que, em 1879, sustentou com os progressistas no poder.

Em 1882 foi nomeado par do reino vitalicio.

Nas duas casas do parlamento por muitas vezes usou da palavra, mostrando-se muito conhecedor das questões de administração ultramarina, publicando um folheto sobre Moçambique, onde

traordinario, que em vida se chamou o cardeal de Lavigerie, é, por sem duvida, a nova orientação dada á campanha anti-escravista, organisando-lhe o plano e collocando-se á frente d'ella.

É de ver que, anteriormente á acção de Lavigerie, o methodo de lucta, em que era sempre indispensavel o concurso do inglez, consistia em attacar de flanco o continente negro, tanto pelo lado oriental como pelo occidental. O que resultava d'aqui? Em primeiro logar, o descredito das provincias portuguezas de Angola e Moçambique, indignamente vigiadas pelos couraçados inglezes. Em segundo logar, completamente desguarnecido de observação o norte e o sul de Africa. O norte, n'um constante va-e-vem de caravanas conduzindo levas de escravos ora para oeste, ora para leste, e muitas vezes para o sul direitas á colonia do Natal; o Sul completamente aberto ao trafico da escravatura. Porque aquelle que se obrigara a vigiar esse trafico para impedir-o, era o proprio

Santa! a obra do varão illustre, do principe da igreja, que pelo seu exemplo fez mais proselytos, do que mesmo pelos seus esforços que nem sempre tiveram os auxiliares devidos.

*
*
*

Chamou-se Carlos Marcial na vida profana, filho de um modesto empregado das alfandegas, educou-se em Paris, onde veio a reger a cadeira de historia ecclesiastica na Sorbona. Em 1860 é pelo governo de Napoleão III enviado á Syria, durante as carnificinas dos christãos, onde se houve de tal guiza que se tornou conhecido logo das côrtes da Europa como homem de estado. E' então que occupa nos Estados Pontificios, representando a França, um logar importante na jurisdicção de Roma, que alcança só a doze doutores ecclesiasticos.



DANIEL MONTEIRO DE ABREU

VICE-CONSUL INTERINO DE PORTUGAL EM S. PAULO

(Cópia de uma photographia do sr. J. Vollsack)



COMMENDADOR BERNARDINO MONTEIRO DE ABREU

VICE-CONSUL DE PORTUGAL EM S. PAULO

(Cópia de photographia do sr. Guimarães)

se previram alguns dos episodios da questão ingleza.

Pertencendo ao antigo conselho ultramarino, fazia hoje parte da junta consultiva do Ultramar; era um dos directores da Companhia das Aguas de Lisboa, pertencendo aos corpos gerentes de outras empresas de credito. Tinha a commenda da Conceição e a carta de conselho. O titulo de visconde fôra-lhe concedido em 1871 e o de conde em 1890; este em duas vidas, dando se a sobrevivencia em sua filha mais velha, que conta apenas 13 annos de idade.

O CARDEAL LAVIGERIE

No dia 25 de novembro do anno findo, falleceu em França um homem que nunca chegou a ser bem comprehendido n'este seculo de Bom senso, como diz Lopes de Mendonça, em que a Razão esmaga o Sentimento.

Uma das mais bellas obras d'esse homem ex-

que o sustentava e protegia, ás vezes sem reboço, bem *inglezmente*; — desguarnecidos pois, como dissemos, o norte e o sul, a escravatura augmentava cada vez mais. O mouro vendia, o inglez comprava sob diversas mascaras; em todas as colonias inglezas jorrava o ouro, apparecendo africanos em todo o solo inglez.

O cardeal Lavigerie, que já começava sendo rasoavelmente odiado pelo inglez entendeu transformar o Norte em asylo, para abrigo das victimas dos traficantes de *pau santo*; e do Sul, como pertencia a uma nação poderosa e rica, avançar para o interior estabelecendo estações civilisadoras, onde vissem em sagrado convivio a espada e a cruz; como succedeu nos seculos da Fé, onde só o Sentimento imperou.

Assim a Inglaterra, unica nação colonisadora alem da Belgica, que pelo trafico escravista tem realisado fortunas, tinha de forçosamente empregar a sua actividade em outros misteres; assim o mouro não tendo quem lhe sustentasse o immundo trafico teria de, a despeito de toda a sua repugnancia, recorrer ao trabalho honrado.

Em 1863 é feito bispo de Nancy; em 1867 occupa a cadeira archiepiscopal onde começou a sua paixão pelos estudos africanos. Dois annos depois faz parte do celebre concilio do Vaticano.

De então para cá não descançava no seu empenho de civilisar a Africa, queimando-lhe com o fogo sagrado da Fé, cauterisando com o seu nobre esforço o cancro da escravatura.

Se a igreja catholica perdeu no cardeal de Lavigerie um dos seus luminares radiosos, a França perdeu em Carlos Marcial um grande homem de estado, o unico politico habilitado para de vez dar um golpe cerce na escravatura.

Manoel Barradas.

O LEIGO DE SANTA MARTHA

Cinco horas em pleno campo. Abro a janella á luz que inunda a planicie, retocando d'ouro a folhagem crestada dos choupos brunindo a fresca

verdura das searas a brotar, lavando o escuro dos pinhaes, avivando o recorte franjado das ramarias no alto das collinas. Essa luz setinea, macia, que desperta com as manhãs de junho, como um riso d'Alma virgem acompanhando um sonho bom, alaga meu quarto, refresca-me o cerebro, dá ao meu espirito cariciosas sensações d'alegria e paz.

Acordava a aldeia, movimentava-se o campo. Rebanhos a subir os montados, sons de flauta rustica; em baixo as vacas mugidoras, pastando; pairam no ar sereno vozes femininas, que d'entre as ramarias se erguem em cantares indistinctos, os pardaes revoam em chilreada no ataque aos pomares e os melros, dispersando dos pinhaes, veem poisar perto de mim sobre as cerejeiras do quintal, irrequietos de felicidade, saltando trilos, agudos como risadas.

E' para hoje o passeio a Santa Martha, o pobre convento de penitentes, abrigado á sombra de carvalheiras desgrenhadas, n'um recanto da serra altissima, de que o sol nascente vem trasbordando.

Fallavam-me todos na aldeia — homens rudes da lavoura, mulheres idosas, castas raparigas, creancitas ingenuas — com tanto respeito e religiosa adoração do velho leigo ali existente — Frei Antonio, o bondoso protector da pobreza circumvisinha — que eu não descansaria sem o vêr, sem lhe fallar e ouvir dos seus labios purificados por ses-



CARDEAL LAVIGERIE

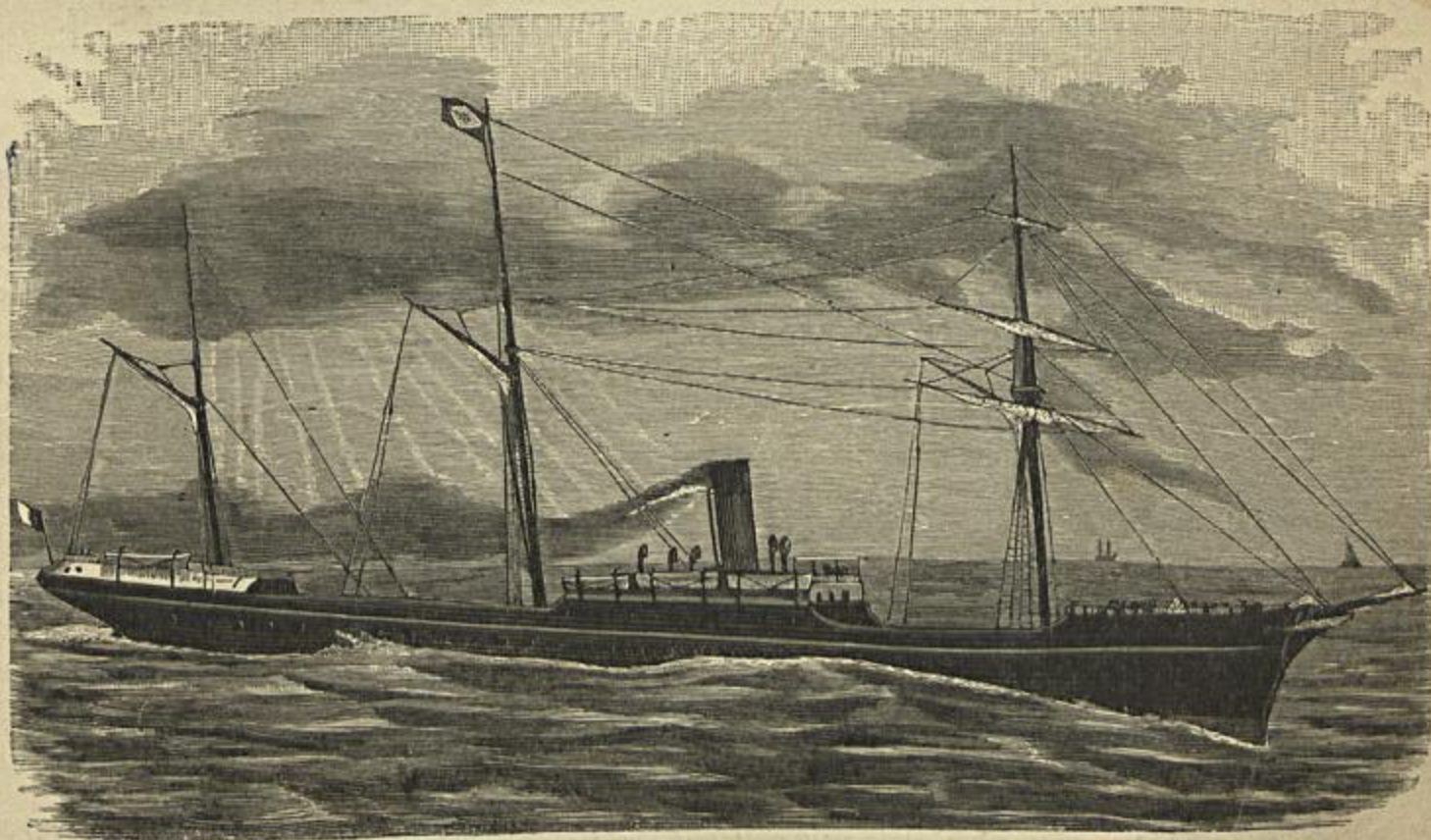
FALLECIDO EM 25 DE NOVEMBRO DE 1892

senta annos de oração constante, a narração dos martyrios que moveram a ternura aldeã á santificação em vida da sua alma piedosa.

Partimos em carro descoberto, eu e o amigo que me proporcionára por alguns dias, a tranquillidade, o descanso imperturbavel do viver aldeão, no extasi salutar, idyllico, da frondosa e virente paisagem minhota.

Em poucos muitos, os cavallos soltos a largo trote, lançavam nos da estrada que traça a direito a vasta planicie coberta de exuberante vegetação, talhada em pradarias, fendida de riachos que se interceptam de quebradas espumantes, no caminho ingreme, desguarnecido de arvores, a subir em espiral de voltas irregulares. A serra despinha-se da direita e eleva-se á esquerda, revestida d'urzes e fenos, sulcada das enchurradas do inverno, toda eriçada de fragedos musgosos. Isolamento completo, nem viva alma por aquelles sitios, que o prolongamento da subida tornava mais ermos e silenciosos. Presentiam-se os reptis esfervilhando por entre o matto em fuga assustada, era violento o arfar dos cavallos, arrastando-se a passo, trassudantes, de cabeças pendentes.

Vencidas as primeiras voltas, a meio da subida, a vista cahe a prumo sobre o vale, limitado a poente por collinas verdejantes, desenhadas em nitido destaque sobre compridos



O NOVO TRANSATLANTICO PORTUGUEZ «D. MARIA»

(Desenho de L. Freire)

montes entufados de pinhas e mattas cerradas, a que se elevam, mergulhadas no azul, cristas escalvadas de outras serras e os pincares nevados do Gerez, resplandecentes ao sol, irradiando tonalidades de prata.

Quanto mais subiamos, mais se desafogava a nossa respiração. Calamos a conversa em que iam e recolhemo-nos ao assombro que dilatava a nossa vista sobre o panorama grandioso, absorvente, abysmal.

O meu peito alargava-se, cedendo á desopressão dos pulmões e o coração batia me n'um desafogo infantil. Aspirando o ar purissimo no livre dominio da serra, o espirito meditando sobre a magnificente natureza, coberta pela cupula mais ampla de azul que até então se concavara sobre a minha cabeça, eu senti-me revigorado da saúde equilibrada dos montanhezes, tocado da simplicidade das suas almas, que no mysticismo da fé mais rígida e inadvertida, encontram a explicação pacifica, meiga, indiscutivel de tudo o que os cerca. E o meu cerebro depurava-se como em arrependimento, de pensamentos materiaes; e sentia reduzir-se no meu espirito a mesquinhez das idéias mundanas e das ambições que nas grandes cidades torna n'os homens adversos, e inimigos odiosos. Por isso era tão santo o viver do pobre leigo, que habitava lá no alto. Compreendia finalmente, em toda a sua verdade, a lenda sublime de amor e isenção, de caridade mais que evangelica, de abnegação sem limites, que se formara em volta do seu nome e attrahia á porta do convento todos os pobres de trez leguas em volta.

Não era para admirar que uma grande alma, a reflectir no silencio e isolamento d'aquellas alturas, sobre as desgraças do mundo, se excedesse em bondade quasi divina, visto que a alma menos crente e mais deformada, alando-se até ali, havia de abluir-se de todos os egoismos e converter-se em arrependida, penetrada de sãs virtudes e aspirações de eterno descanso á pratica do bem. E que aos ouvidos e ao coração dulcissimo do bom leigo, não passavam despercebidos lá em baixo os canticos das vindimeiras, logo de manhã, e á noite o rumor alegre das descamisadas.

Fartas colheitas para os pobresinhos, de cujas miserias e desconfortos, frio e fome mortaes lhes fallava no inverno a chuva, despenhando-se em torrentes e o vento impiedoso que desgrenhava os pomares.

Quasi no pinaculo, descemos pela estrada chamada de Braga e contornamos a serra n'uma volta rapida e forçada. O valle desaparecera em toda a sua extensão grandiosa, tornando-se profunda valleira estreitada em angulo pela junção das duas ramificações da serra.

Aplanava-se, banhado de sol, o terreno atravessado pela estrada; na ramificação opposta, alvejava no topo de um cerro a ermida de Santa Martha. Estavamos perto do convento; esvoaçavam os passaros em afan, era mais tenro e agitado o verde dos tojos e os sobreiros appareciam distanciados, esbracejando, no conchegamento de sombras esfarrapadas.

Deixamos a larga estrada e entramos n'um ramal em declive. Passamos á sombra d'um muro, com ramarias debruçadas do topo, esverdeado na base de relvas humidas. De repente, os cavallos rasgam trote, indo estacar a meio do adro sob carvalheiras sombriantes. Quasi sete horas da manhã. Sobre o muro branqueado que circunda o recinto, recostados aos grossos troncos das arvores abrigadoras, agrupados em abandonos somnolentos junto aos fornos, que em dia de arraial fornecem de pão osromeiros — por todo o adro, fixando em nós olhares estranhos, dezenas de mendigos velhos e tropegos, mulheres amarguradas pela vivez, creanças quasi nuas, enternecedoras na mudez com que nos acercam, de mãos estendidas, olhinhos implorativos.

O convento, modesto, acanhado, de telhado baixo, teria o aspecto de um velho celledo, se não fosse a cruz de cortiça encimando a portaria, a cruz do campanario e as janellas da capella, esguias, com redes de arame ferrujento resguardando as vidraças partidas e desconjunctadas. Como em tempos distantes, na rigorosa observação do rito communitario, o leigo fazia com o creado, velho servidor do tempo da expulsão, a resa matinal.

Esperamos alguns instantes. As grossas portas de carvalho abriram-se de par em par, dando sahida á figura evangelica do religioso.

Cabeça branca, olhos pequeninos e attrahentes de Christo resignado. Seguia-o o velho Antonio, amparando nas mãos o pesado caldeirão, que trasbordava de cosinhada fumegante.

Os pobres accorreram de todos os lados, coxeando, arrastando-se, indo á frente as creanças, muito alegres, de coração abandonado aos affagos do velhinho.

Reunidas as malgas e tijellas, a turba dos mendigos ajoelhou-se, principiando a entonação plangente do *Benedicto*, de mãos postas, olhos erguidos para o ceu, como se acompanhassem o cantico reconhecido das suas vozes, na elevação pelo ar sereno.

De pé, a grande colher na mão, o leigo repartia o caldo da manhã, em proporção com as necessidades dos seus amigos.

*
*
*

A distribuição terminou e os mendigos retiraram-se, bemdizendo mais uma vez ao fim de sessenta annos, a caridade do santo religioso.

Entramos então no convento, reverentes, movidos da religiosa piedade em que o pobre cenobita, immaculado de peccados, todo risonho, o magro corpo envolvido n'um habito remendado de saragoça, confundira a nossa descrença.

Queríamos ver o mosteiro, podia ser? Era talvez ousada da nossa parte, esta pretensão curiosa de devassar o viver intimo d'aquelle recolhimento de santidade e penitencia.

— Nunca se negou entrada aqui, respondeu-nos o leigo com o maior agrado, a quem atravessa a serra e quer descansar, recolher-se das invernias que são medonhas por estas alturas; nem aos que tenham fome e precisão de agasalho, nem aos perseguidos do mundo. Não ha que ver aqui dentro, é pobresinha a nossa casa, mas entrae senhores, entrae, e se quereis do caldo dos pobres é quanto vos posso offerecer. Vinde, vinde comigo, que eu gosto que lá no mundo se saiba como se vive cá em cima, mais proximo do ceu.

Acompanhamos o leigo, que á nossa frente caminhava a passos tremulos, torcendo-se e gemendo de dôres, amparando-se com força ao bordão de sobro. Subida uma escada ingreme, estreita e carunchosa, entramos no refeitorio. As nossas cabeças quasi tocavam o tecto atravessado de grossas vigas de carvalho. Lá estava ainda a sineta, que nos tempos da comunidade annunciava as horas do repasto. Em um nicho cavado na parede havia um Christo agonizante, esculpido em madeira, e por debaixo uma pia de granito com agua benta, onde os padres, apoz o jantar, vinham um a um mergulhar os dedos para o signal da cruz. Os corredores são estreitos, os sobrados velhos e remendados. Entramos no côro da capella; á volta bancos toscos e ao centro a grande estante móvel. Para ali vem todas as noites o bom frei Antonio, rezar o terço por longa hora á luz bruxuleante da lamparina, suspensa d'um candelabro de latão. A arcada que separa o altar do corpo da capella, a moldura do retabulo a oleo — Santa Martha cortejada pelos anjos — são de cortiça em ornatos singelos. O santo velhinho levou-nos á sua cela, onde tres pessoas mal se podem mover.

Um crucifixo em um nicho, uma cadeira e uma meza de sobro encascado, uma enxerga de palha sobre quatro tabuas; sobre a meza um livro de *Horas*, pendente d'um prego, ao lado do leito, um roziario de grossas contas de cedro. A janella dá sobre a cerca — um pedaço de terreno, viçoso de grandes talhões d'hortaliça, ampas de feijoeiros, arvores de fructo enterlaçadas de ramos de videira. E enquanto nos mostrou o convento, o leigo ia respondendo ás nossas perguntas cheias de interesse.

Viera para ali muito novo, aprender com os bons e santos padres a doutrina do bem, em toda a sua plenitude christã. A terra era de todos, pois que Deus a não repartira. Emquanto o poder do ceu fecundasse os campos para a producção do milho, as oliveiras dessem azeite e houvesse lenha nos bosques, podia lá admittir-se que no mundo soffressem fome e frio milhares de desvalidos. O egoismo avaro dos homens disputou-se em luta malevola direitos de posse sobre terra comum, que a força d'uns arrancou á fraqueza dos outros. E duas castas se formaram; a dos maus e mesquinhos que tudo absorvem — filhos do inferno; e a dos simples e bons, condemnados ao trabalho, aos soffrimentos, á fome negra e á morte angustiosa — os filhos do ceu. Em defeza e auxilio d'estes se formara, pois, a comunidade dos penitentes de Santa Martha. Por aquellas alturas longinquoas, logarejos encrustados nos rochedos e aldeias do sopé, morriam de fome e ao abandono, velhos pastores invalidos, viuvas sem arrimo; creanças sem pae; os caminheiros da noite eram atacados pelos lobos, os recoveiros assaltados pelos bandidos e quantos viajeros, tolhidos pelo

frio, cahiam para sempre entre o gelo. Sujeitavam-se os que, desilludidos do mundo para ali vinham purificar-se em penitencia eterna, ao mais austero regimen de pobreza e abstenção. Soccorridos os pobres, repartido o caldo, a broa e as fructas da cerca, das sobras, quantas vezes insufficientes, é que a comunidade se alimentava. Houvesse azeite para alumiar o altar dia e noite, tivessem pão os pobresinhos e os bons frades eram felizes.

Frei Antonio entrara no convento aos desoito annos — havia mais de setenta que isso tinha sido. Trouxera por enxoval duas mantas de farrapos, algumas camizas de estopa, o habito de saragoça e alguns pintos velhos no fundo d'uma saqueta de lã.

Fugira do mundo desgostoso e nunca se soube ao certo, porque motivo é que elle, tão novo, tão alegre, renunciara ao morgadio em porveito dos irmãos e viera enclausurar-se no mosteiro serrano. Certo seria, e porque não, o que a gente idosa contava á gente môça? No amor de Deus e nas promettidas venturas do ceu, resignava-se o coração do leigo das desilluções terrestres, que mudaram em maguas os sonhos ideaes dos seus vinte annos. Fôra lhe falsa a noiva. Assim o diziam os velhos e o acreditavam as raparigas, que em tardes de verão vinham á ermida rezar novenas de promessa.

Ao vel-o corriam para elle.

— Sua benção, senhor Frei Antonio.

E elle, todo risonho:

— Deus vos abençoará com muito amor, minhas filhas, se muito amardes os vossos noivos.

Mas porque não fôra expulso o leigo e confiscado o convento? Não se teriam estendido até ali as perseguições liberaes?

— Se tinham! exclamou frei Antonio. Nem elles, os pobres penitentes, foram exceptuados á leicrual do *Mata frades*!

Com a expulsão principia a historia do seu martyrio, o cruciamento da sua vida, a dôr aguda da sua alma rasgada de saudades, e os males do seu corpo macerado, que já se inclina para a terra.

Uma tarde, o Veiga, capitão môr, mau homem Deus lhe perdoasse — entrou de assalto no convento. Lêra a intimação do governo e sem mais, os homens que o acompanhavam, desapiedados e brutaes, arrastaram para fóra de sua casa os velhos cenobitas, que obedeceram apavorados. Entimidados pelos modos bruscos e ameaçadores dos esbirros, os frades avançaram para o alto da ermida, regando de lagrimas o caminho aberto por entre os rochedos. Era meia tarde, sei velado de nuvens tristes, rebanhos a descer os montados para o aconchego da noite na paz dos redes.

— E os pobres e os viajeros do inverno, quem velará por elles agora? perguntou o prior, frei João do Bom Jesus.

— Um de nós; devia ficar, lembrou frei Joaquim dos Martyres, para animar os desvalidos, e confortar os de esperanças...

Foi aceite a ideia de bom grado. Entregaram ao vento, que passava de manso, a escolha do irmão que ficaria, lançando ao ar cada qual uma folha secca de carvalho. A folha que mais longe voasse designaria o escolhido do vento Cahiu a sorte ao leigo Antonio. Elle era o mais novo e vigoroso, refervia de animo e vontade, o sangue quente dos seus vinte annos.

Partiram os frades á ventura do ceu. Atravez um nevoeiro de lagrimas, o leigo via-os a torcer caminho pelo aspero declive da serra. A tarde findava, escurecia o ar e na falda da serra, os frades, reduzidos vultos pardacentos, pareciam ovelhas timidas, em fuga desordenada, com susto dos lobos. Veio a noite e estendido sobre as lages, tendo por cobertura o alpendre da ermida, esperou a luz da madrugada. Pôz-se a caminhar sem destino; passou noites ao relento e longos dias de fome. O Veiga, constando-lhe que o leigo errava em volta do convento, mandou os melicias em batida pela serra. Prenderam n'o e conduziram n'o a Braga algemado. Uma caminhada de oito leguas em que lhe negaram a permissão de molhar os labios, na veia d'agua abundante das nascentes. Feito o juramento de que não voltaria á serra, o governador da cidade mandara o em paz. Mas havia um juramento mais sagrado a cumprir, juramento que a sua fé ditara perante a comunidade e que elle fizera com os olhos no ceu. De novo se embrenhou na serra, mantendo-se de cardos e do pão rijo, mendigado de cabana em cabana, quando se afoutava a descer ás faladas dos montados.

A gente do novo governo partiu, levando consigo as chaves do convento. Uma noite encheu-se d'animo e entrou no adro. Fazia um luar de prata, corria um vento frio que lhe entrava pelos rasgões do habito, regelando-lhe as carnes.

Exhausto de caminhadas e vigílias, sentou-se sobre os degraus da capella e abandonou-se a um somno profundo. Quando acordou, no pinacaro da ermida, a luz da manhã rompia um nevoeiro cerrado. Estremecceu de frio e teve um gemido de dor.

— Estas doente meu irmão, perguntou uma voz humilde, que encheu d'alegria o coração do leigo.

— Era o Antonio, o dedicado servidor d'agora, e n'aquelle tempo um robusto cava-lor de dezeseis annos. Disseram-lhe que os frades haviam de voltar, e vae elle passava ali todos os dias para saber quando teria de recommençar o trabalho da cerca. Era então certo? Frei Antonio que estava ali, é porque não tardariam os seus irmãos? O leigo abraçou choroso o creado da lavoura. Nunca mais, nunca mais seria d'elles aquella casa, nunca mais se abriria aquella porta...

— E os pobres, teem vindo?

— Ai frei Antonio, com muita fome coitadinhos, os bornaes sempre vãos, por ahi veem como eu, saber quando tornam... E agora, senhor frei Antonio?...

— Agora, não sairei mais d'aqui.

Pois elle tambem não sahiria.

E leigo e creado construíram n'um reconcavo da serra, a poucos passos do recolhimento, uma cabana de ramos de carvalho e arrancas de sobre. Ali se abrigavam do vento e da chuva, dormindo juntos sobre matto secco.

Soube-se em Braga da insistencia do leigo em residir na serra, e os beaguins vieram um dia para expulsal-o.

De joelhos, as mãos cruzadas sobre o peito, o leigo disse com desfogo:

— Se quereis matae-me, mas não sahirei!

— E a quem deve a sua entrada no convento?
— Sei lá. Quiz Deus que se movesse ao bem a crueldade dos que me perseguiram. Restituiram-me o convento por ordem superior, com duzentos reis diarias de pensão. Com que alegria vi abrirem-se as portas! Mais feliz, só se sentirá a minha alma quando entrar no ceu... Voltou a tocar o sino todas as manhãs, já tinham o pão de cada dia os pobresinhos da serra.

Machado d'Almeida.

ARBITRAGEM INTERNACIONAL

III

CONVENIENCIA DA ARBITRAGEM

(Continuação da pag. n.º 504)

Senhores: — A lucta pela existencia, condição dos seres creados, foi sempre a lei necessaria, indeclinavel e proveitosa na vida dos seres humanos; e, sem esta lei já mais poderiamos comprehender a civilização. Ella se nos depara ao apparecerem as raças humanas no globo, as quaes, para viver, teem de luctar com o mamouth e o urso branco das cavernas. Então, contra os animaes de presa, combateram os homens-feras. Era-lhes uma necessidade, que devia proseguir, quando as raças, reproduzindo-se, — não sendo que recorressem ao infanticidio, á anthropophagia, aos sacrificios humanos, o que não raro succede, — tiveram de avançar, expoliando o fracos, os menos fortes, os mais inferiores em força e coragem. A selecção das especies d'est'arte se foi realisando. E, ainda quando alguma fixidez existiu, porque especies menos batalhadoras se entregaram á pastoreação e cultivo da terra, é certo, mesmo então a guerra era inevitavel, por que se dava urgencia em defender essas populações contra as tribus mais barbaras, e que viviam da caça aos seres vivos, quer da especie animal, quer da especie humana. Além do que, multiplicando-se os seres da mesma casta, a população, um momento sedentaria, tinha urgencia de avançar. E isto era uma necessidade da vida, e assim o prova a concorrência dos seres creados, que subsistem á custa uns dos outros em todas as ordens da natureza. É isto uma lei observada, ainda que a sua explicação sobreleve ao entendimento humano. Nas averiguações scientificas de muitos homens illustres acerca das civilizações prehistoricas, tanto se encontram, já no velho ou em o novo-mundo, os restos, os vestigios d'essas sociedades primitivas, que certamente tiveram um momento de

existencia, mas que foram subjugadas e pereceram, como haviam perecido e desaparecido as especies animaes, o mamouth, o mastodonte e o rangifer, terriveis concorrentes do homem na lucta pela existencia. A guerra, fazendo a selecção dos fortes, consentiu, pois, a continuação da vida. Mas a guerra deveria mudar de feição, acabar com o aniquilamento cabal dos vencidos, quando um dia acudisse á intelligencia humana o raciocinio, — de que mais vale reduzir á escravidão os vencidos do que sacrificar os aos deuses ou comê-los; e foi a escravatura, tão censurada dos pensadores christãos, certamente melhorada por elles — padres e pontifices, — quem permittiu o primeiro irradiar da civilização. Com a escravatura os proprietarios dos estados, reis, imperadores, grandes vassallos, leudas, emfim, companheiros d'armas, — poderam dedicar-se tão somente á guerra, e assim defender as sociedades rudimentares, que mais logo se deveriam chamar — nações. Sob a pressão da concorrência, organizaram um governo natural das circumstancias, e que concentrava e organisava a força; aperfeiçoaram-na, creando os serviços militares, melhorando os petrechos do combate, educando os homens, quer na paz ou na guerra, para a defeza, para a peleja, para a resistencia, e até não raro para a conquista. Foi tal organização guerreira de grande vantagem para a civilização, porque guardou dos mais barbaros as sociedades primitivas; e devia protrahir-se emquanto houvesse barbaros. Comtudo, organizado o governo, posta a sua defeza, — é de intuição que devia melhorar a sorte d'essas populações subjugadas por ventura de condição pacifica, e mais proprias para as industrias laboriosas da terra ou das artes. Assim succedeu naturalmente, porque, mantendo ellas as sociedades, era de urgencia não as sobrecarregar de tal modo, que se destruisssem os elementos productores. D'ahi vem o melhoramento das classes trabalhadoras. Os proprietarios dos estados comprehenderam, que, em vez de sustentarem os escravos, visto que elles eram de condição e aptidões superiores aos animaes de carga, — elles se podiam manter a si proprios, dando tão somente prestações e rações convenientes para a sustentação dos chefes, homens de presa, superiores na hierarchia, superiores porque eram os mais fortes; — e nasceu a servidão da gleba. Os servos formaram communas, os de artes e industrias, mestrias e jurandas, consentidas *bona pace*, dizem os documentos; transacções de paz, lhe chamam outros; *contractos de venda*, tambem affirmam alguns. Certamente transacções foram, porque ahi se fixam as prestações que pagar. D'aqui virá a civilização, e mais logo a inutilidade da guerra. Emquanto houve barbaros, comprehendese a sociedade guerreira, bellicosa, o dominio dos fortes. Logo que as sociedades constituidas avassallaram os barbaros na Europa, na America, na Oceania, na Asia e na Africa, o receio da guerra devia desapparecer. Fora de proveito e o unico meio de concorrência na lucta pela vida; fôra a historia do mundo antigo; e tão necessaria, que, quando houve a *pax romana* a educação militar dos fortes affrouxou nas blandicias da civilização, e os barbaros invadiram o imperio, e fizeram n'ô em postas. As industrias, porém, com o melhoramento das classes inferiores, successivamente libertas da servidão, haviam robustecido e bracejado; do interior das habitações, do burgo dos castellos, do recinto das muralhas de villas e cidades, para as feiras francas e mercados nacionaes e estrangeiros; haviam quebrado as barreiras, os alealdamentos, os sistemas prohibitivos, haviam-se alargado á Europa, e mais logo ao mundo, quando acontecimento de maravilha o avassalla e enche de admiração: — a descoberta da America.

Então as raças arias, voando por cima das aguas todas, na phrase de Fernão Mendes Pinto, voltaram ao berço do sol, d'onde haviam partido; e, pelo mar, a *noite do abysmo*, como lhe chamam os orientaes, *nunca d'antes navegado*, como diz Camões, o gigante das tormentas vê passar as frotas carregadas da pimenta, do gengibre, da canella, da gomma-copal, do cacau, do pau de campeche, e á India, ao Cabo, á Australia, ao Brazil, ás Antilhas, ás ilhas do Oceano Indico, etc., levar o commercio, que avassalla o mundo, e estreita as relações dos povos. Os barbaros eram invadidos pela civilização; e o invento das armas de fogo, inutilizando suas grandes massas combatentes, dá a victoria á destreza, á intelligencia, á força moral. Victoria incomparavel, pois igualmente deu á sciencia novos conhecimentos sobre geographia, hydrographia, meteorologia, botanica, agricultura, historia natural, physiologia comparada, astronomia, cosmographia, philosophia, e historia geral. Tudo chegara, pois, á hora mar-

cada pelo destino para a emancipação cabal das classes trabalhadoras; e, realisando este grande factio social, tudo viera transformar as condições da vida dos homens reunidos em sociedade. A lucta entre elles continuou, que é essa a lei da vida; mas, sob a pressão de uma enorme concorrência, já não era a guerra das armas, era a guerra das industrias. — o combate incruento do trabalho. Agora, senhores, declarae a guerra, e destruireis immediatamente tão admiraveis conquistas do espirito humano, — destruireis a civilização. Em verdade, é grande o principio observado pelas sciencias sociaes, — que o homem deseja sempre conseguir a maior somma de satisfação com a maior economia de forças. Logo que o meio empregado para a obtenção de um comodo necessario á vida humana, é mais custoso que um outro, aquelle é rejeitado e substituido pelo que dá menor sacrificio de forças, menor soffrimento. A guerra é e foi sempre uma perda de forças. Se se explica e defende, emquanto existiam barbaros, é que os resultados compensavam os esforços e as despezas feitas; e a educação militar era necessaria mesmo no intervalo das guerras, para se não perder, pelo desuso, o instrumento necessario á manutenção e guarda dos elementos civilisadores. Prehenchido, porém, o seu fim, obtida a civilização pelo progresso gradual das classes servas, pela obtenção, afinal, da sua personalidade juridica, igual hoje para todos, a guerra não se comprehende. Não dá vantagens, nem interesses, nem proveitos, porque são de tal ordem e tão grandes as despezas feitas com a manutenção dos exercitos, com as batalhas campaes, por vezes successivas, com o cerco das cidades, por vezes demorados, — que a propria victoria, ainda que obtenha acrescmentamento de territorio e uma contribuição avultada em dinheiro, não chega, não consegue salda-las. Além do que, hoje não combatem, exercitos, combatem povos inteiros; e a victoria pôde ser, affectando duas nações belligerantes, a ruina total de uma d'ellas, — a vencida. E mais, não só affecta os dois povos em armas; affecta os neutros; porque a guerra, movendo importantes forças militares, desvia milhões de homens das occupações productivas; e o receio, o temor de grandes conflagrações, que podem surgir a todo o instante, pois assim o fazem suppôr os exercitos permanentes, cada vez mais aperfeiçoados e melhorados em sua disciplina, tactica e armamentos, — suspende e acanha as transacções de commercio, intimida o credito. Assim, a guerra, que fôra uma vantagem, é hoje um prejuizo. É um esforço empregado, mas custoso, cruel, e que não compensa mesmo para o victorioso, pelo resultado obtido, as despezas feitas. Ha certamente a gloria. Mas bem maior é a de Cervantes, que a do duque d'Alba; e mais nos maravilha a de Camões, que a de Alfonso d'Albuquerque. A gloria militar é sonho passageiro; pagina brilhante, por certo, na historia dos homens; mas maior e mais brilhante é a historia da civilização. Depois que, a lucta á mão armada entre as nações affecta todas as liberdades: — a liberdade civil, porque além dos impostos avultados, e emprestimos de guerra, que incidem sobre a propriedade do cidadão, fica ella na dependencia dos planos de campanha, fôro atropello dos exercitos, invasões, pilhagem, saque e devastação; o que tudo é violencia feita ao patrimonio de cada qual e á facultade que possui de dispor do que é seu como julgar conveniente; e é nisto que reside o direito de propriedade. E, mal se comprehende um estado de paz armada sobrevivendo á guerra, sem o *systema protector*. As nações que fazem a guerra não podem ficar para viver dependentes da vontade dos estrangeiros, e assim criam industrias, de que possam subsistir no caso de conflicto com a nação, com quem tinham estreitado relações de commercio. Um tal *systema* affecta portanto a propriedade do cidadão, pois o obriga a comprar caro, por falta de larga concorrência, o que podia comprar mais barato. Assim, com a guerra soffre immediatamente a liberdade civil, o dominio das trocas, a concorrência commercial. Soffre a liberdade politica, porque um grande exercito hierarchicamente organizado, mal se pôde manter sem grande centralização, uma dictadura mais ou menos pronunciada, e que, com receio de discussões, e censura de seus actos, não vá até a condemnar a liberdade do pensamento e a critica dos administrados. Soffrem todas as liberdades; e são ellas, todavia, alcançadas á custa de tantos sacrificios, que se dominam revoluções, as que substituem igualmente o direito regulado em todos os codigos civis (*Dos direitos originarios*, artigos 35. e seguintes do Codigo civil Portuguez).

A guerra, portanto, ou ainda a paz armada, que só podem subsistir com grande imposto

grande exercicio e uma apertada centralisação sendo igual ao despotismo, é um retrocesso indefensavel e improficuo, no ponto adiantado a que attingiram as modernas civilisações. E, porque assim ellas o reconhecem, tantas vezes tem recorrido a arbitros n'este seculo XIX, e principalmente para decidirem as quaesções de interesses materiaes, e sem alcance no dominio politico. É o que tem succedido entre a Hespanha e Portugal.

(Continúa)

Conde de Valençãs.



REVISTA POLITICA

Depois de uma ausencia de vinte dias, cá estamos no nosso posto para debicar na pouco apetitosa politica portugueza, tão divertida quanto enojativa.

Mas antes de irmos ao fundo do tinteiro buscar os casos politicos que lá se tem accumulado ha vinte dias, damos as boas festas aos nossos leitores, velha usança que todo o materialismo d'este seculo ainda não pode acabar, com quanto tenha substituído muitos costumes bons por outros maus.

Sim, bom leitor, desejamos do fundo do coração que as vossas festas sejam felizes e que o novo anno seja para vós tão prospero como o desejamos para nós.

E' sem suspeita e muito portuguez este fazer votos pelo vosso bem estar e nosso; muito menos suspeito e muito mais sincero que todos os votos e promessas dos governos com toda a magna caterva de politicos que enxameia em torno d'elles.

Muito sinceros os nossos votos, quer vos enviemos as boas festas, quer vos enviemos as novas da politica condimentadas com a nossa simplicioria critica; porque se esta revista tem algum merecimento é o da sinceridade, e a este unicamente devemos o favor dos nossos leitores, o interesse com que as nossas revistas são procuradas, só pelo merito da sinceridade, avis-rara na politica de toda a parte e muito em especial na d'este paiz.

Ora vejam a troça que por ahí vae pela sahida do ministro dos estrangeiros. Se compararmos a benevolencia e até mesmo os elogios com que o mesmo ministro foi acolhido na sua subida ao poder, com a attitudão galhofeira com que a imprensa agora festeja o bota-fóra de s. ex.^a, é o bastante para avaliar a justiça e verdade d'aquellas apreciações.

As mesmas virtudes e defeitos que o ex-ministro tinha quando tomou conta da pasta, são os mesmos que o acompanham na sua queda, e portanto que valor tem os elogios que então lhe fizeram, ou a troça que ora lhe fazem?

Como, porem, este caso não é novo, mas sim a praxe seguida com todos os ministros e todos os governos, facil é reconhecer o valor que tem todos os elogios e todas as descomposturas com que os politicos mutuamente se mimoseam, nas alternativas por que passam de peões a cavalleiros e vice-versa.

Isto é uma verdade tão reconhecida que chega

o maior numero de sentenças arbitraes, e as mais celebres, tem-lhes sido objectivo:

— As indemnisações, referentes a prejuizos causados pela guerra. Por exemplo: — dando-se que uma nação reclame de outra, neutra a indemnise por não haver extorvido que n'um seu porto fosse destruido um navio por outros da nação adversa, belligerante; consentindo a violação do territorio neutro; ou quando em um porto d'aquella se armaram e proveram de homens e material de guerra os navios de um dos povos belligerantes. É o caso do Alabama;

— As indemnisações, em beneficio de determinadas pessoas, pelos ultrages que ellas soffreram e que a nação da sua bandeira considera um ataque ou menosprezo da sua dignidade;

— As contestações acerca da posse de territorios, ou acerca da delimitação de fronteiras;

— As contestações sobre a validade de certas presas; e tantas outras, que nascem do conflicto das leis penaes e civis, ou quando é violado um dever internacional, geralmente admittido. A solução pacifica d'estes e outros innumerados conflictos, supprime, certamente, muitas occasiões de guerra.

a ser um pleonasmo recordal-a, porque todos os dias se está vendo, e agora mesmo, que se falla de crise ministerial, indicam se varios politicos para formarem novo governo e a todos esses politicos já aconteceu, por diversas vezes, o mesmo que aconteceu agora ao sr. bispo de Bethsaida.

Nós concordamos plenamente que se censure um ministro porque os seus actos não corresponderam ao que se esperava dos seus talentos, do seu saber, das suas theorias expostas em brilhantes discursos ou artigos politicos, mas com o que não podemos concordar é que, reconhecida a incapacidade de um ministro hoje, essa incapacidade desaparece amanhã, e esse ministro volte outra vez e mais, a desempenhar funcções para que foi julgado incapaz.

Estamos a vêr sorrir os politicos desdenhosamente e a chamarem-nos ingenuo ou mesmo tolo por darmos tão sobeja prova da nossa ignorancia politica.

Não sabermos que toda aquella comedia é justamente o que se chama politica!

A nossa ignorancia, porem, não chega ao ponto de ignorar-mos o que toda a gente sabe, mas se



CONDE DE ARRIAGA

FALLECIDO EM 17 DE DEZEMBRO DE 1892

(Segundo photographia)

todos sabem que a politica é assim, todos sabem tambem que os apregoados talentos que nos tem governado, não se podem orgulhar da sua obra, e é justamente por isso que a tal comedia ultrapassa todos os ridiculos imaginaveis, e a politica entre nós cahiu no maior descredito para com toda a gente que conserva ainda alguma parcella de bom senso.

Ministros tem havido muitos, mesmos mais do que era licito haver em um paiz tão pequeno, e essa abundancia longe de ser um bem tem sido um mal, porque muitos que não se sabem administrar a si, tem querido administrar a fazenda publica, e d'ahi a desordem e ruina em que a mesma fazenda publica tem cahido.

No entanto não tem faltado elogios a cada ministro que sobe ao poder, nem chufas a cada um que sae do poder, o que tem levado os homens serios e independentes a afastarem se cada vez mais da politica, olhando-a como coisa enxovalhada que enodoa quantos se lhe aproximam.

N'estas circumstancias é melhor ser apodado de ingenuo ou mesmo de tolo pelos politicos, do que receber os seus elogios e descomposturas. Fica-se muito mais limpo, e com a consciencia muito mais tranquilla.

E alem dos boatos de crise ministerial que deram em resultado a sahida do sr. Bispo de Bethsaida da pasta dos estrangeiros, sendo substituído interinamente pelo sr. Ferreira do Amaral, ministro da marinha, nada mais de importante ocorre na politica para entreter a curiosidade indigena, não fallando n'uma aluvião de pequenos decretos e regulamentos com respeito ao imposto do sello e fomento agricola que o *Diario do Governo* tem publicado n'estes ultimos dias.

Agora espera-se pela abertura do Parlamento e do theatro de S. Carlos. Vamos a vêr qual das duas companhias dão melhor conta de si.

Nós estamos capazes de apostar pela de S. Carlos, pelo menos o entusiasmo dos lisboetas é muito maior por esta opera, que pela outra, e parecemos que tem razão.

João Verdades.



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

A Camoens par Achille Millien. Nouvelle édition. Paris. Alphonse Lemerre, éditeur. Passage Choiseul, 72-31. 1892.

E' este folheto uma homenagem a tres poetas portuguezes: Camões, Castilho e Mendes Leal. As suas oito paginas são matizadas por bellos alexandrinos e redondilhas compondo assim uma ode ao grande Camões. Este pequeno poema foi feito na occasião em que se inaugurou em Lisboa o monumento ao grande épico.

Parece-nos que em 1868 estes versos foram publicados n'um jornal de Lisboa, assim nol o dão a entender duas notas dos chorados poetas Castilho e Mendes Leal.

E' pois uma novidade, esta edição, para os camoneanos.

Movimento da população. Estado civil-emigração. Estatística especial, segundo anno 1888. Lisboa, Imprensa Nacional MDCCCXCII.

E' nos agradavel folhear um livro como este, e especialmente em Portugal, o que nos prova que alguma cousa se faz respectivamente a um assumpto de importancia tão capital como é a estatística; mas só notamos a morosidade com que estes trabalhos se fazem sem que por isso ganhem.

Nos tres annos que este volume abrange, vemos que os nascimentos em 1888 foram de 163:081 (continente e ilhas). Sendo 78:807 femeas, o que infelizmente nos mostra pequena differença dos varões. Os obitos n'este anno foram 9066 sendo o numero de femeas maior que o de varões que foram 4:452.

Revista das Alfandegas publicação quinzenal. Lisboa. N.º 1 do 1.º anno 19 de Novembro de 1892.

Esta revista está redigida de modo que interessa tanto á classe commercial e industrial, como á dos funcionarios aduaneiros.

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE»

Para 1893

Está quasi esgotada a edição; a capa é um lindo chromo representando esse mimo d'architectura quinhentista — a Torre de Belem.

Preço 200 réis. Pelo correio 220 réis

Pedidos á Empreza do «OCCIDENTE»

Poço Novo — Lisboa

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.

Preço da capa e encadernação 1.º 200 réis.

Pedidos á empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores

R. Nova do Loureiro, 25 a 30